SinproRio 2026

Lei 11.645/2008 e as práticas escolares no Ensino Fundamental

Victor Tchiya Soares[1]

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto "Memórias que Pintam o Futuro", desenvolvido no Ensino Fundamental, articulando diferentes linguagens artísticas e a educação antirracista. A partir da Lei 11.645/2008, da BNCC e de autores como Dewey, o projeto promoveu experiências estéticas, reflexões identitárias e produções culturais. As ações envolveram pesquisa, criação coletiva e forte participação da comunidade escolar.

Palavras-chave

Arte; Projetos Educacionais; Educação Antirracista.

ABSTRACT

This article presents the project "Memories that Paint the Future", developed in Elementary School, articulating different artistic languages and anti-racist education. Based on Law 11.645/2008, the BNCC (National Common Core Curriculum) and authors such as Dewey, the project promoted aesthetic experiences, identity reflections and cultural productions. The actions involved research, collective creation and strong participation from the school community.

Keywords

Art; Educational Projects; Anti-racist Education;

[1]Professor da rede Municipal de Osasco, especialista em Dança e Consciência Corporal (FMU), graduado em Licenciatura em Teatro (FPA/SP).

INTRODUÇÃO

Ser docente no Brasil é enfrentar inúmeros desafios. Em muitos contextos, o professor acaba sendo visto como adversário da sociedade, passando por diferentes tipos de provações. Apesar disso, a escola pública segue produzindo projetos que fomentam o desenvolvimento socioemocional, cognitivo, motor e artístico dos estudantes — sendo este último o foco deste artigo.

Ao longo de 2025, o Projeto **"**Memórias que Pintam o Futuro**"** foi desenvolvido pelo docente Victor Tchiya Soares, em colaboração com o professor Denisson da Silva Diniz. Ele ocorreu na EMEF Professor Olavo Antonio Barbosa Spínola, no município de Osasco/SP. A unidade escolar atende 303 estudantes, distribuídos entre os turnos manhã e tarde, totalizando 12 turmas. A comunidade escolar é composta majoritariamente por famílias de baixa renda, muitas delas beneficiárias de políticas públicas assistenciais.

O título do projeto, "Memórias que Pintam o Futuro", aponta para sua própria intenção pedagógica. Segundo o dicionário Dicio, memória é a "faculdade de reter ideias, sensações e impressões adquiridas anteriormente". Pensar nas memórias brasileiras implica reconhecer que nossa história é marcada por lutas que não cessaram. Nesse sentido, torna-se essencial preparar os estudantes para construir um futuro possível, e, quem sabe, um futuro melhor.

BASES DO PROJETO

O projeto fundamentou-se na **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96),** especialmente em seu **artigo 26-A,** que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio (Lei nº 11.645/2008).

> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Lei nº 11.645, de 2008). § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Também se apoia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância das práticas lúdicas e do protagonismo estudantil nas linguagens de Teatro, Dança, Música e Artes Visuais. A BNCC afirma que "a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e as vivências artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores".

Além disso, o documento destaca o valor do compartilhamento das produções dos estudantes, entendendo que o resultado dos processos criativos promove diálogo entre estudantes, professores e comunidade escolar. Essa concepção dialoga com Dewey, para quem a experiência estética se concretiza por meio do resultado artístico:

> As artes obtêm esse resultado não por uma intenção consciente, mas na própria operação de criar, por meio de novos objetos, novas modalidades de experiência. Toda arte comunica algo, por ser expressiva. Permite-nos compartilhar de forma vívida e profunda significados para os quais éramos surdos, ou para os quais tínhamos apenas o ouvido que permite que o que é dito passe em trânsito para a ação manifesta. É que comunicar não é anunciar coisas, mesmo que elas sejam ditas com a ênfase da grande sonoridade. Comunicar é o processo de criar uma participação, de tornar comum o que era isolado e singular, e parte do milagre que ele realiza é que, ao ser comunicada, a transmissão do sentido dá corpo e definição à experiência, tanto de quem enuncia quanto daqueles que escutam. (DEWEY, 2010, p. 427).

Assim, tanto a BNCC quanto Dewey reforçam que o produto artístico é parte essencial da experiência, pois comunica sentidos, amplia percepções e permite a partilha do que antes era isolado.

Como perspectiva central, o projeto enfatizou também a questão identitária. A identidade, que nos constitui como sujeitos, está profundamente ligada à matriz cultural brasileira, entrelaçamento de heranças indígenas, africanas e europeias que dialogam e se ressignificam constantemente. Reconhecer essas raízes permite compreender a complexidade de nossa cultura e valorizar as múltiplas vozes que compõem o Brasil.

Dessa forma, o projeto não buscou apenas estimular a criação artística, mas promover uma reflexão crítica sobre quem somos, de onde viemos e como nossas histórias individuais e coletivas se manifestam na arte.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto evoluiu em etapas que se desdobraram ao longo do ano letivo. É importante ressaltar que o ensino de Artes não deve se limitar à reprodução de modelos prontos, mas favorecer processos criativos que estimulem reflexão, autoria e aprofundamento estético. Para estudantes em formação, compreender esse percurso é fundamental para o desenvolvimento artístico e pedagógico.



I- Registro
Fonte: autor, 2025

A primeira etapa consistiu na apresentação inicial do campo da Arte. Foram promovidos debates sobre o que é Arte, sempre considerando as faixas etárias envolvidas, já que as atividades foram desenvolvidas com estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Para as turmas que trabalharam com Arte Musical, realizou-se um mergulho inicial no universo sonoro. Por meio de jogos e atividades exploratórias, os estudantes investigaram conceitos como a diferença entre som e música, paisagem sonora, com base nos estudos de Murray Schafer, e as características do som. Em trabalhos colaborativos, vivenciaram a prática da percussão corporal até chegarem ao estudo da Organologia, compreendida, conforme Medeiros (2020), como "a disciplina que trata da descrição e da classificação de qualquer instrumento musical, considerando material, forma, timbre, modo de execução, entre outros". Ao final dessa etapa, construíram instrumentos inspirados em matrizes indígenas e africanas, utilizando materiais recicláveis.

As turmas que trabalharam Dança iniciaram seu percurso com conceitos e práticas voltadas à valorização dos povos indígenas, tendo a dança circular como eixo estruturante para a expressão artística. Foram abordados: definição de dança, origem e história da dança circular e seu papel nas culturas indígenas brasileiras.

O primeiro momento de culminância envolveu uma apresentação de dança circular e a exposição dos instrumentos construídos, mobilizando toda a unidade escolar. A comunidade foi convidada a apreciar o processo, valorizando o respeito aos povos originários, historicamente marcados por violências e preconceitos.

Na continuidade do projeto, as turmas da música avançaram para estudos sobre voz e técnicas vocais, culminando na prática de canto coral com a obra "O Gato e a Lua", de Laerte Mourão, música com a qual os alunos demonstraram grande identificação.

Outras turmas de dança se aprofundaram nos estudos de Rudolf Laban, explorando elementos básicos da linguagem corporal: composição, formação de células coreográficas a partir de ações cotidianas e qualidades de movimento. Estudos teóricos e práticos, envolvendo história da dança, elementos técnicos e experimentações favoreceram a cons-

trução do conhecimento. A partir dessas aprendizagens, os estudantes criaram, em grupos, composições de dança livre, como apresentado por Soares (2019, p. 316) "O ao de conhecer seu próprio corpo, e se expressar por meio do movimento, atuando de corpo inteiro (corpo-mente-emoções-sentimento), o faz chegar na sua própria dança, sendo a mesma livre e não pré-determinada".

Encerrando essa segunda etapa do projeto, a escola promoveu o evento "Pequenos Ritmos, Grandes Passos", realizado em 27 de agosto de 2025, no qual a comunidade escolar novamente esteve presente para prestigiar as produções e vivências dos estudantes.

A última etapa do projeto envolveu todas as turmas em diferentes produções artísticas e reflexivas, organizadas de acordo com a faixa etária dos estudantes e orientadas pelo tema do Consciência Negra.



Imagem 2 - Registro
Fonte: o autor, 2025

Para fundamentar essas produções, foram trabalhados diversos artistas e obras brasileiras. Entre eles, destacam-se os livros Maalum, de Eduardo Lurnel e Magna Domingues, e Olele, de Fábio Simões. Inspirados nessas narrativas de matriz africana, os estudantes desenvolveram desenhos e ilustrações criativas, valorizando elementos simbólicos, tradições orais e personagens que remetem à ancestralidade. O objetivo foi promover o reconhecimento da cultura africana e decolonial, historicamente invisibilizada ou estereotipada.

Outro artista estudado foi Hélio Oiticica, cuja obra dialoga profundamente com questões raciais e com a identidade cultural brasileira. Inspirado pela cultura popular e pelas vivências da comunidade da Mangueira, Oiticica desenvolveu trabalhos como os Parangolés, capas, mantos e estandartes ativados pelo movimento do corpo, em forte relação com a dança, o ritmo e as expressões afro-brasileiras. Como analisa Hermann (2010, p. 218):

> O uso que Oiticica faz dos objetos e materiais cotidianos e populares não é resultado somente de "fascínio" ou admiração pelo ordinário. Ele usa o cotidiano vulgar para resolver questionamentos artísticos e também para exteriorizar, por intermédio de suas obras, questionamentos políticos, sociais, críticas ao circuito artístico e às vanguardas modernistas. Hélio Oiticica não queria apenas que sua arte se confundisse com a vida; queria que ela a ampliasse e intensificasse.



Imagem 3 – Registro
Fonte: o autor, 2025

Além disso, a partir da dança, tiveram contato com as danças jongo e frevo. O jongo e o frevo são expressões importantes da cultura afro-brasileira. O jongo, originário das comunidades negras do Sudeste, tem raízes nas tradições bantus da África e mistura dança, canto e tambor em rodas que celebram a ancestralidade e a resistência dos povos africanos escravizados, conforme Figueiredo (2010) apoiado pelo IPHAN (2007)

> Entre as manifestações culturais praticadas nas comunidades remanescentes de quilombo do estado do Rio de Janeiro, destaca-se o jongo. Também chamado de caxambu ou tambu,

> batuque e tambor- o nome varia de acordo com as localidades em que são praticados- o jongo tem como características em comum: "a dança de roda ao som de tambores e cantoria com elementos mágicos poéticos" (IPHAN, 2007, p. 13). Esses elementos fazem com que essas manifestações sejam consideradas variantes da mesma prática cultural.

Já o Frevo, originário de Recife, incorpora influências da capoeira e do maracatu, expressando a força da cultura negra nas festas populares. De acordo com o IPHAN (2007)

> Com a abolição da escravatura, as classes populares ampliam sua participação na promoção dos festejos de Carnaval e passam a ocupar os espaços públicos. O direcionamento político, a constituição da classe trabalhadora, a organização do movimento operário e a expectativa de modernização são traduzidos no frevo, força proveniente da massa popular urbana que revela a atmosfera de ebulição do Recife em sua expansão.

Tanto o Jongo quanto o Frevo revelam a criatividade, a identidade e a herança africana que compõem a diversidade cultural brasileira, permitindo que os estudantes compreendessem a potência dessas expressões na construção do Brasil contemporâneo.

Os estudantes também tiveram contato com a Arte Digital. Em um mundo em constante evolução tecnológica, torna-se essencial desenvolver competências relacionadas ao uso crítico e criativo das tecnologias. Como afirma Paiva (2023), "recursos tecnológicos devem ser usados com intencionalidade pedagógica e de forma significativa para promover a criação e a experimentação dos alunos".

Nesse sentido, por meio de aulas orientadas sobre pesquisa escolar, os estudantes realizaram um mapeamento de artistas negros brasileiros. Para que esse processo ocorresse de maneira estruturada, foram trabalhadas as normas da ABNT, orientando-os quanto à formatação de trabalhos acadêmicos. Também exploraram o uso do Canva para a elaboração do material artístico-digital e aprenderam a publicar suas produções no Padlet.



Imagem 4 - Registro
Fonte: o autor, 2025

Conhecer artistas brasileiros, especialmente aqueles que se destacam no cenário nacional, é fundamental para a formação dos estudantes, pois amplia sua compreensão sobre a importância histórica, estética e social dessas personalidades. A pesquisa realizada contribuiu para manter viva a memória e o legado dos artistas negros brasileiros, fortalecendo a valorização da cultura afro-brasileira.

Como síntese desse trabalho, surgiu a página de consulta pública Memória Viva – Dicionário de Artistas Brasileiros, desenvolvida pelos estudantes da EMEF Professor Olavo Antonio Barbosa Spínola.

Imagem 5 – *Qr code* Memória Viva
Fonte: o autor, 2025

O projeto culminou na apresentação para toda a comunidade escolar, no evento "Memórias que Pintam o Futuro", realizado em 11 de novembro de 2025, que contou com apresentações de Dança, Coral com elementos teatrais e uma mostra visual e digital composta pelas produções dos estudantes.

CONCLUSÃO

O percurso formativo realizado ao longo do ano evidenciou que o ensino de Arte, quando entendido em sua potência estética, cultural, política e formativa, torna-se um espaço privilegiado de construção de conhecimento e de valorização das identidades. As múltiplas linguagens trabalhadas permitiram que os estudantes vivenciassem processos criativos profundos, nos quais pensamento, sensibilidade e expressão atuaram de maneira integrada.

Ao mesmo tempo, os resultados apresentados demonstram que a experiência artística não se limita ao fazer, mas se concretiza na relação com o outro, na partilha e no encontro, tal como defende John Dewey: a arte como experiência comunicativa que ganha sentido quando é compartilhada. Assim, cada apresentação, mostra ou produção digital se constituiu como um ato de expressão e de pertencimento, ampliando a compreensão dos estudantes sobre si mesmos, sobre o outro e sobre a diversidade cultural que compõe o Brasil.

As práticas voltadas à valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas contribuíram para fortalecer uma educação antirracista, crítica e humanizadora, em que os estudantes puderam reconhecer a importância dos povos originários e da população negra na construção de nossa sociedade. A pesquisa sobre artistas negros brasileiros, a elaboração da página Memória Viva – Dicionário de Artistas Brasileiros e o evento "Memórias que Pintam o Futuro" evidenciam o compromisso da escola em promover visibilidade, reconhecimento e respeito às narrativas historicamente marginalizadas.

Um aspecto de grande relevância foi a participação da família e da comunidade escolar. A presença de familiares e moradores nos eventos finais e nas apresentações fortaleceu o sentido de pertencimento, valorizou o protagonismo dos estudantes e transformou a escola em um espaço de encontro intergeracional e comunitário. Essa articulação entre escola, alunos e famílias potencializa os impactos da arte-educação, pois amplia o alcance da aprendizagem, consolida vínculos sociais e legitima as vozes e histórias representadas pelos alunos. A participação familiar

tornou visível a força da arte como agente de coesão social e de transformação, ampliando o significado do projeto para além das salas de aula.

Por fim, este projeto reafirma que a Arte na escola é um campo fértil para o desenvolvimento sensível, intelectual e social dos estudantes. A aprendizagem construída ao longo do processo, somada aos resultados compartilhados com a comunidade escolar, revelam que o ensino de Arte, quando conduzido com intencionalidade pedagógica, diálogo cultural, abertura para experimentação e envolvimento da família, transforma realidades, amplia repertórios e fortalece a formação de sujeitos críticos, conscientes e criadores de futuros possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/572694. Acesso em: 05 dez. 2025

DEWEY, John. Arte como Experiência. Editora Martins Fonte. 1ª Edição. 2010.

FIGUEIREDO, Luciana da Conceição. Jongo e Resistência Cultural. Revista África e Africanidades- Ano 2- n. 8, fev. 2010- ISSN 1983-2354. Disponível em < https://africaeafricanidades.com.br/documentos/Jongo_resistencia_cultural.pdf> Acesso em 05 dez. 2025.

IPHAN. Dossiê IPHAN Frevo. 2007. Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieIphan14_Frevo_web.pdf> Acesso em 01 dez. 2025.

HERMANN, Carla. A cultura popular vai ao museu: a Tropicália de Hélio Oiticica. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 213-224, mai. 2010.

MEDEIROS, Lourdinha Lima. Sistema de Classificação dos Instrumentos Musicais. Disponível em <https://docentes.ifrn.edu.br/lourdeslima/disciplinas/Classificacao%20dos%20instrumetosHornbostel%202%20.pdf>. Acesso em 07 dez. 2025.

MEMÓRIA. *In* Dicio Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/memoria/> Acesso em 05 dez. 2025.

PAIVA, Thais. Tecnologia na Educação: como ela pode favorecer a aprendizagem?. Revista Digital Nova Escola. Disponível em < https://novaescola.org.br/conteudo/21760/uso-pedagogico-tecnologia-na-educacao?utm_source=adwords&utm_medium=ppc&utm_network=x&utm_campaign=trafegopago_grants_srj&utm_content=&utm_term=_&gad_source=1&gad_

campaignid=22344173677&gbraid=0AAAADRpNJyRvma8nwCquazN-1Rj93ni-v&gclid=Cj0KCQiAi9rJBhCYARIsALyPDtvzbUh5UDHjQCRPC8v-CMt4_AvxX6kCpLY_fy-VhwFFEA8No9xuxz90aApSBEALw_wcB> Acesso em 05 dez. 2025.

SOARES, Victor Tchiya. Composição Coreográfica Livre com base nos estudos de Rudolf Laban *in* Rumos da Educação. Editora Diálogo Freiriano. 2ª edição. Veranópolis/RS.